



AS PERCEPÇÕES DOS PAIS DE PESSOAS SURDAS¹

PERCEPTIONS OF PARENTS OF DEAF PEOPLE

Luana Pereira de Oliveira Rodrigues Trindade²

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo que teve o objetivo compreender as percepções dos pais de pessoas surdas. Considerando a família muito importante na construção da subjetividade. De modo específico, buscando compreender como os pais ouvintes lidam com o diagnóstico de ter um filho surdo (a). E compreender quais as estratégias os pais ouvintes que tem filhos surdos com diagnóstico na infância utilizam na comunicação com os seus filhos surdos e como os pais percebem o processo de socialização vivenciado por esse filho. Na revisão de literatura discorreu-se sobre a família, seu processo de construção social e a socialização primária e a secundária conforme os autores Berger e Luckmann (2008). Para compreender a família e suas transformações também foram utilizados autores como Bruschini (1997) e Macedo (2015). Sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, foram utilizadas as contribuições das autoras Gesser (2009) e Quadros (2007). Para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados foi conduzida uma pesquisa qualitativa, que contou com a participação dos pais de surdos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a fim de levantar dados sobre a percepção dos pais em famílias formadas por pais ouvintes a respeito dos seus filhos surdos. Para analisar os dados coletados foi feita a análise de conteúdo. Os resultados deste estudo revelaram que os pais enfrentam dificuldades no processo de socialização dos filhos e também dificuldades na comunicação, quando não sabem a Libras. O surdo, no processo de socialização secundária, terá mais autonomia para esse aprendizado, diferentemente do estágio da socialização primária, quando dependia inteiramente dos pais para um desenvolvimento satisfatório. É importante destacar que, na socialização secundária, pode sim haver variações; entretanto, para uma pessoa surda, mesmo que sua socialização primária não tenha sido efetiva no tempo esperado, ainda haverá possibilidades de um bom desenvolvimento social.

PALAVRAS CHAVE: Surdos; Família; Socialização; Psicanálise.

ABSTRACT: This article presents a study which aimed to understand the perceptions of parents of deaf people. Considering the very important family in the construction of subjectivity. In specific way, trying to understand how listeners parents deal with the diagnosis of having a deaf child (a). And understand what strategies the hearing parents who have deaf children diagnosed in childhood use in communicating with their deaf children and as parents realize the socialization process experienced by that child. In the review of literature, spoke about the family, the process of social construction and the primary socialization and secondary as the authors Berger and Luckmann (2008). To understand the family and its transformations were also used as authors Bruschini (1997) and Macedo (2015). On the Brazilian Sign Language Sinais - Pounds, contributions were used Gesser of authors (2009) and Tables (2007). For the proposed objectives could be achieved was conducted a qualitative study, which included the participation of deaf parents. Semi-structured interviews were conducted to collect data on the perception of parents in families formed by hearing parents about their deaf children. To analyze the collected data was made the content analysis. The results of this study revealed that parents face difficulties in the socialization process of the children and also difficulties in communication, they do not know the pounds. The deaf, in the secondary socialization process, will have more autonomy for this learning, unlike the primary socialization stage when depended entirely on the parents to a satisfactory development. Importantly, the secondary socialization, but can be variations; however, for a deaf person, even if their primary socialization has not been effective at the expected time, there will be possibilities for a good social development.

KEYWORDS: Deaf; Family; Socializing; Psychoanalysis.

¹ Este trabalho é fruto da monografia de conclusão de curso apresentada no 2º semestre de 2015 e orientada pela professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva.

² Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, núcleo universitário São Gabriel. luanaport@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral pesquisar as percepções dos pais de pessoas surdas. De modo específico, busca analisar como foi o processo de socialização de filhos surdos, considerando a família como importante no processo de construção da identidade e da subjetividade do indivíduo. O mesmo foi um trabalho de conclusão do curso de psicologia.

Percebe-se que o número de surdos no Brasil é relevante, a psicologia tem inúmeras pesquisas sobre temáticas diversas, entretanto a respeito da temática de surdez o número de pesquisas ainda é limitado, logo articular conhecimentos teóricos sobre surdos e como funcionam as interações familiares, pretende-se contribuir para melhor compreensão desses processos. O debate em torno da percepção dos pais ouvintes a respeito dos seus filhos com surdez se justifica devido à importância da comunicação no contexto familiar e na sociedade. A psicologia sabendo que a comunicação é através da linguagem, porém muitos dos pais ouvintes de crianças surdas não sabem a Língua Brasileira de Sinais – Libras. A partir da compreensão que a linguagem é uma das formas de aprendizagem, socialização e desenvolvimento do indivíduo, os surdos para conseguirem comunicar e ter um desenvolvimento proveitoso precisam que sua família, amigos e outros saibam a língua de sinais Libras, sendo até hoje um grande desafio para muitas famílias manter essa comunicação.

Na literatura são encontrados diversos conceitos para a família devido às transformações e as mudanças na sociedade. O significado da mesma pode ter particularidades de acordo com a perspectiva de cada autor. Não se pretende examinar uma única concepção, mas sim, expor a diversidade de definições e os conceitos. A família tem características distintas e específicas e se modifica de acordo com os contextos.

Sabe-se que cada ser humano nasce em uma família e no decorrer de sua vida esse fato vai determinar e modificar a sua visão de mundo e a sua concepção de família. O presente trabalho limita-se a expor alguns desses conceitos que permitem percebê-la de acordo com alguns autores e teorias distintas.

A família ideal deve prover um ambiente saudável, em termos do impacto das relações mãe-filho e pai-filho. Sendo a relação entre todos significativa, a criança terá condições de crescer com suporte afetivo e subsistência da família em um ambiente seguro para ela. (MACEDO, 1994).

Identifica-se, no discurso de Macedo (1994) citado anteriormente, uma idealização da família e uma concepção de naturalização da mesma, não levando em consideração que as relações familiares apresentam-se com afeto e conflitos; considera-se que a mesma terá signi-

ficados, papéis e sentidos diversos, de acordo com a sociedade. Desta maneira, para a compreensão da família é necessário considerar-se também as transformações sociais. Para a Psicologia, a família pode ser percebida como:

[...] revestida de uma importância capital, dado que é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade nascente de cada ser humano. Assim, a família é vista como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo. (MACEDO, 1994, p. 63).

A família geralmente é o primeiro ambiente em que o indivíduo começa a conhecer e compreender o mundo a sua volta, a partir desse encontro com a família o ser humano começa a estabelecer relações que vão ajudar o mesmo a se comportar e influenciar na construção de seus valores, crenças, mitos e nas suas escolhas de vida não sabemos ao certo quanto vão ser essas influências, pois o contexto familiar de cada indivíduo vai ser variável e como cada um vai perceber e interpretar o mundo de forma subjetiva.

No contexto de uma família que recebe o diagnóstico de ter um filho com surdez, eles terão que utilizar os recursos que tem para ter uma comunicação com os filhos. A família que tem um filho (a) surdo pode se sentir perdida e desamparada, ficando emocionalmente abalada.

A relação simbiótica de amor entre mãe e filho, tem magnitude maior, do que o normalmente no complexo edípico de crianças sem alguma deficiência. Talvez, se justifica, pela crença de fragilidade e dependência da criança, que acaba por dificultar essa cisão entre a relação simbiótica mãe/filho, fica bem sendo demarcada em alguns casos com uma superproteção em relação ao filho.

O luto e a melancolia assolam essa relação, para Freud,

[...] o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. E segue dizendo que o luto normal é um processo longo e doloroso, que acaba por resolver-se por si só, quando o enlutado encontra objetos de substituição para o que foi perdido. (FREUD, 1916, p. 249).

Nesse sentido, a negação do diagnóstico a priori, ajuda os familiares a elaborar o luto dessa criança imaginária que se perdeu. E acabam se adaptando, ajustando ao novo estilo de vida que requer um novo aprendizado para se relacionar com a criança com surdez. Ao contrário do luto a dor torna-se crônica. Freud destaca que “a melancolia mostra-se não só na perda do objeto amado, mas também na perda do mesmo como objeto de amor” (FREUD,

1916, p.249). O que se faz menos provável, uma vez que no processo de adaptação dos familiares em prol da criança, pode ocorrer uma relação de superproteção.

Em uma família que tenha uma criança com surdez, geralmente a comunicação principal é oral, por isso inicialmente a criança é privada dessa interação já que sua comunicação é gestual, sendo assim a família e a criança precisam criar outras formas de comunicação. Em casos em que as famílias se dispõem a aprender a Libras, os surdos terão a possibilidade de desenvolver e de serem socializados de forma mais fácil devido à linguagem ser a mesma, porém tem famílias que não aprendem a língua de sinais, dessa forma o surdo e a sua família podem não conseguir criar uma comunicação genuína.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras L1 é a primeira língua dos surdos e a língua portuguesa L2 deve ser a segunda língua, a Libras é uma língua gestual utilizada pela comunidade surda e reconhecida na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

A respeito do o processo de aquisição de linguagem, Quadros (2007) cita Rodrigues (1993), sobre o processo de aprendizagem dos surdos. Afirmado que se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as orais, então a língua de sinais é natural, sendo assim ela tem um período ideal de aquisição, porém esse período muitas vezes não te ocorrido de forma hábil, dessa forma o surdo tem tido sua aprendizagem prejudicada, devido não ocorrer no tempo esperado.

As interferências na família não podem ser desvinculadas da realidade social em que estão inseridos. No caso de uma família que tem filhos com surdez as incertezas e as mudanças nesse contexto familiar vão se modificar diante dos impactos do diagnóstico, da vivência e do início da comunicação.

2 O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DE FILHOS SURDOS COM PAIS OUVINTES

As mudanças no contexto familiar no Brasil e no mundo são perceptíveis. No contexto brasileiro, os surdos têm como língua oficial a Libras que é a segunda língua oficial no País.

Berger e Luckmann (2008) afirmam que o indivíduo já nasce em uma sociedade, porém não é membro dela. A sociedade é uma realidade ambígua, pois é subjetiva e objetiva ao mesmo tempo, sendo necessário compreendê-la em um processo dialético com momentos de exteriorização, objetivação e interiorização. Cada indivíduo nasce com uma predisposição para a sociabilidade. Berger e Luckmann (2008) apontam que a interiorização é um processo de apreensão e interpretação imediata de uma experiência objetiva dotada de sentido e de significado para o sujeito que a vivencia. Essa significação, em primeira ordem, é a compreensão

da existência de nossos semelhantes; e em segundo lugar, a apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. Assim, somente após a interiorização, é que o indivíduo se torna membro da sociedade. Os autores explicam que o processo de desenvolvimento do sujeito na sociedade se dá pela socialização, sendo uma inserção do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor.

Para Berger e Luckmann (2008), a socialização é dividida em subtipos como socialização primária e socialização secundária. A socialização primária é a primeira socialização que o sujeito experimenta na infância e, por causa dela, se torna membro da sociedade. A socialização secundária é considerada pelos autores como qualquer processo consecutivo que insere o sujeito já socializado em novos setores do mundo objetivo da sociedade. Para os autores, cada sujeito nasce em uma estrutura social objetiva e dentro da mesma encontra outros significativos que contribuem para a socialização.

Considerando que criança vai apreender a perspectiva do mundo social da sua classe e de outras realidades, vale ressaltar que ela vai sim, saber que há outras classes distintas da sua; entretanto, no caso de uma criança surda e de baixa renda, ela pode ter um pequeno atraso nesse processo de socialização. Devido à exclusão social e às desigualdades sociais, uma família com uma criança surda em situação de vulnerabilidade pode ter maior dificuldade de socializar esse filho.

Uma criança com surdez vai depender de um investimento e de um afeto maiores por parte dos pais, já que a língua dos pais ouvintes é o português e eles se comunicam através da fala; já a criança surda vai precisar de se comunicar através da Libras, que geralmente é uma língua desconhecida para esses pais. Desta forma, os pais vão precisar criar uma relação de afeto para o processo de socialização do filho surdo.

A socialização primária, para Berger e Luckmann (2008), é um período de formação na consciência do outro, de forma ampla e é uma fase relevante na socialização. “A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização” (BERGER, LUCKMANN, 2008, p.179). A interiorização ocorre juntamente com a linguagem. Os autores afirmam que a linguagem se constitui o mais importante conteúdo e o mais marcante instrumento de socialização. Quando ela se cristaliza na consciência, estabelece uma relação equivalente entre a realidade subjetiva e a objetiva. O que é real lá fora se torna real na consciência do sujeito, como realidade subjetiva. Assim, a linguagem pode ser entendida como de grande relevância no processo de socialização.

A priori, percebe-se que o processo de socialização primária é de grande importância para o desenvolvimento do sujeito. Assim, uma criança surda precisa ter um aparato e uma

atenção especial da parte dos responsáveis para que sua realidade objetiva e subjetiva não seja prejudicada.

Segundo Berger e Luckmann (2008), a socialização secundária é consecutiva à socialização a primária, sendo ambas concebidas como um processo de interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições, ampliando para determinados setores de acordo com a complexidade da divisão do trabalho e coincidindo com a distribuição social do conhecimento. A socialização secundária impõe a aquisição de vocabulários específicos de acordo com as funções; assim, o sujeito precisa interiorizar os campos semânticos que estruturam as interpretações e condutas de costume em uma área institucional. A socialização secundária também se caracteriza por fragmentos normativos, afetivos e pela habilidade de aprender.

Na socialização secundária, o indivíduo precisa aprender um vocabulário específico mais diversificado. Em uma família que tem filho surdo e que não sabe se comunicar com ele através da Libras, este filho pode ter um vocabulário ou uma comunicação gestual limitada. Caso essa criança comece a frequentar escola ou outros lugares em que haja surdos e possibilidades de aprendizagem e utilização da sua língua natural, ela terá uma ampliação no vocabulário e um melhor desenvolvimento social, devido a essa socialização secundária.

Em casos em que a família não é pró ativa no processo de mediação da socialização do surdo na infância, o mesmo pode ter um atraso no seu processo de aprendizagem. As crianças que frequentam a escola anteriormente ao processo de escolarização e tem contato com crianças e pessoas além do núcleo familiar, podem ter um melhor processo de socialização secundária; logo, as crianças surdas que tem contato umas com as outras podem desenvolver melhor sua comunicação e sua aprendizagem.

Percebe-se, em casos em que as famílias se dispõem a aprender a Libras que os surdos têm a possibilidade de se desenvolver e de serem socializados de forma mais fácil, devido à linguagem ser a mesma. Nos casos de famílias que não aprendem a língua de sinais, o surdo e a sua família poderão ter dificuldade em se comunicar. Vale ressaltar que a aprendizagem da Libras é de grande importância para a socialização do surdo e para o processo de autonomia e cidadania do mesmo.

3 MÉTODOLOGIA E PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa seis mães e dois pais de surdos. O contato desses pais foi conseguido através dos filhos surdos; um surdo fazia parte da minha rede social e de vínculos

e indicou outros amigos surdos, dessa forma parte do contato foi realizado através de uma rede social virtual e assim dei continuidade conversando com cada filho e explicando o objetivo da pesquisa, e um deles eu encontrei pessoalmente e explicando o objetivo da pesquisa; ele passou-me o telefone da mãe e me disse que não tinha como explicar para a mãe o meu objetivo. Nesse caso, foi realizado contato telefônico diretamente com ela e agendamos a entrevista.

A intenção inicial era de realizar dez entrevistas com pais de surdos; porém, isto não foi possível, tendo sido realizadas apenas oito entrevistas. Todos os entrevistados são pais de surdos do sexo masculino, também não tendo sido essa a proposta inicial da pesquisa; mas todos os contatos com pessoas surdas do sexo feminino não obtiveram êxito.

Foi utilizada a abordagem qualitativa como método de pesquisa. A técnica de coleta de dados foi entrevista semiestruturada. O método utilizado é um estudo de campo. Foram realizadas 8 entrevistas com pais ouvintes de filhos surdos, as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes e transcritas para a realização da análise.

De acordo com Minayo (1994) a pesquisa qualitativa pode responder às questões particulares. Preocupa-se, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos (MINAYO, 1994).

De acordo com Gil (1999) a entrevista semiestruturada não segue um padrão rígido. Assim, o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas quando se desvia do tema original o entrevistador esforça-se para a sua retomada.

Segundo Moraes (1999), que descreve a análise de conteúdo que é um método sistematizado por Bardin (1977/2011) a análise de conteúdo se constitui de uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Para o autor são descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que ajudam a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados em um nível que vai além de uma leitura comum.

Utilizou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que os participantes leram no início da entrevista. Seguiram-se os aspectos éticos previstos na Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde (1996), que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com seres humanos. Adotou-se, portanto, nomes fictícios para se preservar as identidades dos participantes. O perfil dos entrevistados é sintetizado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Dados dos entrevistados pais ouvintes de filhos surdos

Pais entrevistados e idade	Filho surdo e idade	Período diagnóstico	Etiologia	Comunicação inicial	Comunicação atual
Sara - 47	Fred - 22	1 ano de idade	Citomegalovírus	Gestos e falando	Falando
Flávio - 50	Fred - 22	11 meses	Citomegalovírus	Gestual e falando	Falando
Sandra - 41	Téo - 21	3 anos	Indefinida	Só falando	Falando
Roni - 47	Rafael - 21	4 anos	Indefinida	Gestual	Falando
Marina - 48	Fábio - 23	1 ano e meio de idade	Meningite	Gestual	Libras
Luiza - 54	Davi - 35	3 anos	Rubéola	Gestual	Gestual e escrita
Ana - 52	Saulo - 29	6 meses	Indefinida	Gestual	Libras
Carla - 42	Vitorio - 22	1 ano e meio de idade	Indefinida	Falando	Libras- e escrita

Fonte: Elaborada pela autora

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Os dados coletados nas entrevistas feitas com os pais dos surdos foram separados por quatro categorias entre elas: 1) o diagnóstico e possíveis causas da surdez, 2) a reação dos pais em relação ao diagnóstico, 3) formas de comunicação de pais com seus filhos surdos, 4) perspectivas dos pais em relação ao desenvolvimento e socialização dos filhos surdos.

A condição socioeconômica das famílias é um fator de grande importância para a compreensão do papel da família no processo de socialização do filho surdo. Outra questão, atrelada à primeira, é a respeito do alheamento do Estado no cumprimento de suas responsabilidades que referem às condições de vida impostas aos indivíduos. Dessa forma, as famílias cumprem suas funções sociais, econômicas e financeiras por conta própria, mas enfrentando grandes dificuldades. Os nomes dos participantes são fictícios para manter o sigilo dos entrevistados.

Foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas com pais ouvintes com filhos surdos. O instrumento utilizado foi elaborado pela pesquisadora, contendo somente perguntas abertas.

4.1 O diagnóstico e possíveis causas da surdez

Para a família no contexto brasileiro, dada à situação de desigualdade do nosso país, e o pouco acesso às informações e as precárias condições da Saúde, não é fácil a todos o teste que dá o diagnóstico de surdez; no Brasil, esse teste só começou a ser gratuito a partir de 2010, de acordo com a Lei vigente. Desta forma, muitos entrevistados que tem filhos com idade superior a 18 anos não tinham facilidade para ter um diagnóstico.

Percebe-se que todos os entrevistados na presente pesquisa, relataram que só perceberam que o filho fosse surdo após seis meses de vida da criança. Mesmo sendo relevante o diagnóstico aos três meses de vida, em nenhum caso, essas famílias tiveram acesso a esse diagnóstico. Entretanto, considera-se relevante que uma anamnese após o nascimento do bebê e os testes que são um direito, hoje, e assim ter maior facilidade no diagnóstico para que a criança surda não tenha prejuízos na sua socialização:

Eu fiquei sabendo mesmo com exames com quatro anos de idade, através da pediatra dele que achou que falou comigo que ia ser muito difícil dele andar e muito difícil para ele falar e ia ser bem mais tarde, por que ele é um menino prematuro de 6 meses de idade. Com quatro anos descobriu que ele era surdo e hoje ele tem 21 anos. (Roni).

Com 10 meses, eu desconfiei e, na visita ao Pediatra, eu pedi para fazer o exame auditivo. Primeiro foi traumático, hoje não agente sente orgulho disso, orgulho agente fala assim pela assim, pelo desenvolvimento pela inteligência dele por ser uma pessoa tão integra. (Flávio).

Quando foi para fazer um aninho, aí foi até o marido que percebeu; quando a gente foi levá-lo pra distribuir os convites aí a gente teve mais contato com outras crianças, a gente começou a notar que o filho não estava assim chamando dando tanta atenção quanto deveria. (Sara).

A gente descobriu que ele tinha perda auditiva quando ele tinha mais ou menos seis meses e elevou um tempo mais ou menos para a gente comprovar. Até hoje a gente não sabe o por quê que ele tem essa deficiência. O avô dele estava comentando que chamava e ele não respondia. Então aí começou a questionar: Esse menino não escuta? (Ana).

Menina, é meu primeiro filho né, eu comecei a desconfiar: ele tinha um ano e meio mais ou menos ele não falava nada; aí eu falei com a minha mãe: Mãe, eu acho estranho porque ele quase não fala, ele tá com um ano e meio; é ele assim desenvolveu lentamente, tudo foi lento mesmo para começar a andar. (Carla).

Santos, Lima e Rossi (2003) afirmam que, no Brasil, as causas relevantes para deficiência auditiva são rubéola congênita, hereditariedade. As autoras citam uma pesquisa realizada no Ambulatório de Neurodiagnóstico das Deficiências Sensoriais do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas - São Paulo, e encontraram as seguintes causas de

surdez em 80 crianças: 70 % com síndrome de rubéola, 15% meningite bacteriana, 7,5% síndromes genéticas, 5% hereditariedade e 2,5% Lues (sífilis).

Santos, Lima e Rossi (2003) descrevem que, a literatura internacional aponta que, geralmente, o diagnóstico ou uma triagem auditiva neonatal ocorreria com os recém-nascidos até os três meses de vida da criança, com intervenção aos seis meses de vida. No Brasil, em geral, o diagnóstico acontece por volta dos três a quatro anos de idade, o que prejudica o prognóstico, devido os primeiros anos de vida ter uma relevância no desenvolvimento da linguagem do surdo. As autoras apontam que, quanto mais cedo for detectado o problema auditivo, mais eficientes serão as condutas e menores os prejuízos no desenvolvimento social da criança.

As crianças surdas com diagnóstico feito tardiamente terão atraso no desenvolvimento linguístico, pela falta de acesso à língua de sinais, a qual seria possível compreender e produzir, de acordo com a sua fase (QUADROS, CRUZ, 2011).

Inicialmente as famílias e os pais de crianças surdas não conseguem notar nenhuma diferença na criança, e devido a esta, então, não apresentar muita alteração em relação a uma criança ouvinte. Só após algum tempo que as diferenças podem ser percebidas por familiares; e muitas crianças surdas emitem balbucios o que faz com que muitas famílias não suspeitem da sua surdez.

4.2 Reação dos pais em relação ao diagnóstico

As reações dos pais frente ao diagnóstico podem ser diversas. Lima, Boechat e Tega (2003) descrevem que alguns pais podem se recusar a acreditar no mesmo. Outros poderão se mostrar práticos e aceitar, assumindo todas as recomendações. Entretanto, a postura para lidar com o diagnóstico de ter um filho com surdez pode sofrer interferências de acordo com a educação, classe social, religião e singularidades de cada membro da família.

O período de gestação pode ser uma fase de idealização para as mães como uma recompensa ou oportunidade de sua própria infância. O nascimento do filho traz um ideal, uma imagem que se sobrepõe ao real desse filho. Mas, com o diagnóstico de um filho com surdez, aquele filho idealizado é substituído e, então, a mãe vai travar uma luta contra uma indiferença social e uma batalha diante da hostilidade e do desencorajamento alheio (MANNONI, 1999).

Observa-se nos relatos dos pais ouvintes de filhos surdos que, após o diagnóstico, alguns se escondem e, assim, o filho surdo também fica longe dos olhares da sociedade. Esse

discurso dos pais demonstra o medo e a vergonha que os pais têm de mostrar para a sociedade que tem um filho com deficiência, já que o filho é sempre um ser idealizado. A mãe que relatou que brigou com Deus, expressa sua busca por um culpado pela surdez do filho.

Eu, particularmente, como mãe eu tive uma certa dificuldade de aceitar. Sabe, eu me reservei demais. A minha reação foi a de ficar praticamente trancada. Teve uma época que eu não queria nem sair com ele, queria ficar reservada como se eu tivesse fechada para o mundo. (Sara).

[...] Então, na época eu fiquei muito decepcionada, aí eu chorei muito, fiquei muito triste, porque a gente pensa assim: e agora? (Sandra).

Os pais dos surdos relataram que foi difícil e traumático receber o diagnóstico; no entanto, agora sentem orgulho do filho.

Primeiro foi traumático, hoje não; a gente sente orgulho disso. Orgulho, a gente fala assim pela... assim... pelo desenvolvimento, pela inteligência dele, por ser uma pessoa tão íntegra. (Flávio).

Foi muito difícil, foi muito triste saber que eu tive um filho surdo. Hoje eu sinto orgulho, hoje eu sinto orgulho de ter um filho do jeito que ele é. (Roni).

Diante do nascimento de um filho tem muitas expectativas, porém quando essas não são cumpridas, esse ambiente que precede seu nascimento tende a se reorganizar frente ao inesperado. O que normalmente gera angústia e sofrimento por parte dos familiares.

4. 3 Formas de comunicação de pais com seus filhos surdos

Após o diagnóstico, os pais ouvintes com filhos surdos precisam ter uma comunicação com estes. Geralmente, por esses pais não saberem Libras para educar e ter uma comunicação com os filhos criam um sistema de comunicação gestual conhecido como sinais caseiros.

Os entrevistados relataram que a melhor forma encontrada por eles era gestual ou apontando para o objeto e, em alguns casos, os dois ao mesmo tempo. Alguns entrevistados afirmaram somente falar e desta forma e que os filhos os compreendiam.

Tínhamos uma comunicação gestual, era mais gestual, uma coisa que nós, toda família de surdo, é assim. (Marina).

Só falando com ele, tanto é que na minha casa ninguém sabe Libras, ninguém; nem eu sei Libras. (Sandra).

Entre os oito pais de surdos entrevistados, somente três relataram que sabem Libras e que no momento tem uma comunicação com os filhos através da língua de sinais; os outros cinco pais disseram que, atualmente, tem uma comunicação com os filhos falando, gesticulando e, até mesmo, escrevendo.

Com seis anos é que eu resolvi: conversei com a Fonoaudióloga, ela era contra, achava que não devia aprender Libras. Eu preciso fazer alguma coisa, ele vai aprender e eu vou aprender também. Aí, nós entramos no curso de Libras. (Marina).

Eu fui aprendendo Libras porque eu achava que era importante para ele, a identidade dele, né. (Carla).

Então, tudo que ele aprendia na escola ele ensinava pra gente. (Ana).

Percebe-se que foram poucos os pais que aprenderam Libras. Uma mãe relatou que aprendeu com o próprio filho, outra mãe alega que aprendeu por considerar a identidade do filho; outra procurou aprender junto com o filho, fazendo um curso de Libras e enfrentando a resistência da Fonoaudióloga. Uma mãe relatou a resistência da Escola, alegando que a prioridade da mesma não era ensinar Libras e por isso ela não aprendeu.

Nota-se que os profissionais de saúde e os educadores que deveriam facilitar o acesso às informações para as famílias que têm filhos surdos, tiveram uma conduta, instruindo os familiares a não aprenderem a língua natural de seus filhos. Percebe-se uma falta de conhecimento sobre a temática por parte dos profissionais. Esses acreditavam que, se a criança surda não aprendesse Libras, ela aprenderia a falar, o que não é verdade, pois a criança que aprende Libras pode desenvolver a fala. Identifica-se que os pais, nesse período de tratamento, também podem ter uma recusa ao diagnóstico. Por isso, a atuação dos profissionais de saúde e dos educadores deve ser de esclarecimento e de apoio aos pais no seu papel de socializar a criança. Os profissionais devem ser capazes de informar que o processo de aquisição de linguagem da criança surda é parecido com o da criança ouvinte. Sendo assim, os pais poderão se envolver nessa comunicação, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem de sinais de seus filhos.

Vale ressaltar que a aprendizagem da Libras é de grande importância para a socialização do surdo e para o processo de autonomia e cidadania do mesmo. Os surdos romperam e estão rompendo barreiras para viver em sociedades majoritariamente de ouvintes e de não usuários da Libras.

4.4 Perspectivas dos pais em relação ao desenvolvimento e socialização dos filhos surdos

Os entrevistados trouxeram um pouco da percepção que tem de seus filhos e de como é a vida deles atualmente. Os pais têm percepções distintas dos seus filhos. Inicialmente os pais afirmam as qualidades e conquistas de seus filhos e, posteriormente, alguns apontam características negativas ou atributos que não gostam ou que gostariam que o filho tivesse uma postura mais adequada de acordo com as suas expectativas.

Percebe-se, no discurso dessas mães e pais, que elogiam os filhos. No entanto consideram alguns aspectos em que eles precisam de mudanças. No caso de Sara, verifica-se que ela diz que o filho fica em seu mundo isolado, porém, ela não atenta ao fato de ele ser surdo e que isso é um fator relevante que interfere na sua subjetividade e na comunicação com e os membros da família que não sabem Libras. Os pais e mães abaixo relatam conquistas dos filhos como trabalhar, fazer uma faculdade, ter uma boa comunicação em Libras, ser educado e tranquilo. Nota-se que esses pais percebem e valorizam as conquistas de seus filhos.

Agora ele tá trabalhando, é digitador porque como ele não quis fazer nada esse ano de escola, ele quis descansar. Aí eu falei: Não, Téó, esse ano você vai descansar. Tira sua carteira de motorista, mas ano que vem você vai estudar. É porque a gente não pode deixar parar né, a gente tem que... se não quiser de jeito nenhum, de maneira nenhuma eu posso obrigar. (Sandra).

Ele fez um semestre de Faculdade, achou melhor investir como instrutor de Libras. Ele está trabalhando e se preparando para casar. (Roni).

O Fábio não fala com fluência, mas comunica com Libras. Conseguiu estudar, agora está se preparando mais uma vez para o ENEM. (Marina).

Ele é um menino bem assim... muito educado, graças a Deus. E só é nervoso; você tem que ter muita paciência com ele, assim gente de casa; já com os de fora ele é mais tranquilo, mas ele é um menino normal, nunca me deu trabalho com nada. (Luiza).

Então ele formou agora. É bastante tranquilo, ele conversa, ele é bastante observador, ele conversa, como é que fala. (Ana).

A vida do Vitório, preguiça, comer, jogar, às vezes sai com os amigos ou os amigos vem aqui, e trabalhar. Só. Trabalha na linha de montagem. (Carla).

Nota-se que a história dos surdos no Brasil, de acordo com Gesser (2009), tem pouca literatura, dentre elas algumas narrativas históricas. A sinalização era percebida como código secreto, pois era proibido, devido à sociedade considerar obscuro e agressivo o surdo expor o seu corpo. Gesser (2009) define que essa proibição teve consequências sociais, políticas, educacionais, psicológicas e linguísticas. A língua de sinais, diferentemente das línguas minoritárias

rias, não desapareceu e não desaparecerá, enquanto tivermos surdos compartilhando sua linguagem. Diante da tentativa de proibição do uso da língua de sinais, muitos surdos se organizaram e se uniram como grupo, valorizando os sinais e reforçando a identidade cultural surda.

A respeito do acompanhamento de profissionais desde o diagnóstico, quase todos os entrevistados relatam que os filhos tiveram algum tipo de atendimento com profissionais das áreas de Fonoaudiologia, Psicologia e Psicopedagogia. Observa-se que, em alguns casos, o acesso aos atendimentos foi público e, em outros casos, particular. Em alguns, devido à falta de condições, os filhos não tiveram acesso a atendimentos de saúde específicos; outros tiveram que buscar acesso a esses atendimentos em outro Estado; isso mostra uma desigualdade social, uma exclusão e a falta de acesso das minorias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas e das referências teóricas apresentadas foi possível compreender um pouco mais a respeito das percepções que os pais ouvintes têm a respeito de seus filhos surdos. O aporte teórico nos permitiu uma aproximação da realidade do campo de estudo, sendo possível perceber alguns dos desafios enfrentados pela família dos surdos como comunicação, falta de apoio e informações ao saber do diagnóstico. Também foi possível perceber a falta de qualificação dos profissionais da área de saúde e educação a respeito dos surdos e do suporte necessário às famílias que tem um filho com surdez.

Através das entrevistas realizadas na pesquisa também foi possível compreender que o diagnóstico precoce não ocorreu em nenhum caso relatado, o que Santos, Lima e Rossi (2003) defendem que o período ideal do diagnóstico e de três meses de vida, e sendo assim pode proporcionar relevantes melhoras nas condições de comunicação e de socialização do surdo em relação à sua família. Pais e mães experimentaram sentimentos de tristeza, frustração e recusa em aceitar o diagnóstico.

A forma de comunicação inicial dos pais com os filhos surdos, geralmente, é gestual e caseira. Quando a família não sabe a Língua Brasileira de Sinais- Libras, a comunicação e a inclusão social pode não acontecer; e, dessa forma, o surdo fica excluído do contexto familiar e a família pode ficar mantendo esse processo de segregação do surdo indefinidamente. É importante que os pais de filhos surdos oportunizem a comunicação gestual em casa, ampliando as possibilidades de aprendizagem da criança para adquirir futuramente a Língua Brasileira de Sinais- Libras.

Através desse artigo foi possível refletir a respeito da importância do aprendizado da Libras no contexto familiar para uma melhor comunicação e desenvolvimento da pessoa com surdez e a necessidade de mais informação a respeito da surdez e da comunidade surda por parte de profissionais da saúde e da educação. Nota-se a necessidade de uma formação continuada por parte dos profissionais das áreas de saúde e educação, o que pode possibilitar uma maior troca do saber científico com o saber da comunidade surda.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977/2011, 229 p.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 29. ed. Petrópolis. Vozes, 2008.
- BRUSCHINI, Cristina. Teoria Crítica da Família. In: AZEVEDO, Maria Amélia Azevedo; GUERRA, Viviane Nogueira de. (Org.). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-80.
- FREUD, Sigmund. (1916) **Luto e Melancolia**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS?** que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- LIMA, Maria Cecília Marconi Pinheiro. BOECHAT, Heloisa. TEGA, Lígia Maria. Habilitação Fonoaudiológica da Surdez: Uma experiência no CEPRE/FCM/UNICAMP. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem desafios e realidade**. 1. ed. São Paulo: Plexus, 2003. p.41-53.
- MACEDO, Rosa Maria Stefanini. A família do ponto de vista psicológico: Lugar seguro para crescer? **Caderno Pesquisa**. São Paulo, n 91.p 62-68, Nov.1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.
- MANNONI, Maud Ferreira. **A criança retardada e a mãe**. Tradução de Maria Raquel Gomes Duarte. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 14. ed Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994. Cap. 1 p.10-29.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 07. junho. 2015.

QUADROS, Ronice Muller de Quadros; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais**, instrumentos de avaliação. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos a aquisição da linguagem**. 1.ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

SANTOS, Maria Francisca Colella dos; LIMA, Maria Cecilia Marconi Pinheiro; ROSSI, Tereza Ribeiro de Freitas. Surdez: Diagnóstico Audiológico. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria.(Org.). **Cidadania, surdez e linguagem desafios e realidade**. 1. ed. São Paulo: Plexus, 2003.p. 17-40.